

O testemunho da tradutora

Lyslei Nascimento* e Vívien Gonzaga e Silva** entrevistam Nancy Rozenchan***

Quando e como se colocou para você a tarefa de traduzir?

A tarefa de tradutora, para mim, como, eu acho, para a maioria dos tradutores, acontece. Não é uma coisa que já vem planejada. Eu sempre gostei de línguas, estudei várias, esqueci quase todas. A tradução vem como consequência. Na faculdade, fui para algumas línguas que eu gostava, mas, naquele momento, meus estudos não tinham a ver com tradução. Eu, sinceramente, não sei quando começou o ofício de tradução na minha vida. Eu já tive outras carreiras, trabalhei em rádio e televisão e, eventualmente, ali eu traduzia. Não era a minha função básica nem fundamental, mas eu traduzi filmes, documentários.

E como era esse trabalho inicial de tradução?

Tinha que escrever à mão, depois batia à máquina. Usávamos um gravador de rolo, grande, num vai e volta a fita... Nesse período, comecei a traduzir um pouco, mas não havia, explicitamente, nenhuma intenção de ser tradutora.

Nesse período, você traduzia quais línguas?

Inglês e hebraico, e, eventualmente, outras línguas. Em um trabalho de tradução, nem sempre você sabe tudo. É preciso, às vezes, procurar algumas informações fora do texto. Outras vezes, quando eu não sabia alguma coisa, procurava, conversava com as pessoas. Essa é uma prática que tenho até hoje. Não há um tradutor que domine tudo e resolva tudo. Quando se tem uma dúvida, procuramos outras soluções, conversamos, trocamos idéias.

No ofício de traduzir, há, então, um aprendizado contínuo?

Sim, após algum tempo, anos até, você vai rever e percebe que não fez uma boa tradução de uma palavra ou expressão. No presente, com novos conhecimentos, talvez o tradutor fizesse diferente. Especificamente, para mim, a tradução começou quando eu passei uma temporada estudando, como parte do meu Mestrado, em Israel. Tive certa dificuldade, eu entendia o que se falava, mas apanhei muito com a língua, que eu conhecia, mas não o suficiente para poder me expressar com fluência. Então, eu fazia uma coisa que hoje parece curiosa, pelo menos para mim. Eu fazia uma lista de palavras que um professor usava, e andava com essa lista, na mão e a estudava no ônibus. Em todo lugar para onde ia, consultava a lista e anotava o novo vocabulário.

Era o seu jeito de aprender...

Sim, tudo para melhorar. Tanto para falar, para me comunicar, quanto para ler. Não havia, ainda, no meu horizonte, a profissão de tradutora. Em Israel, estudei o Talmude, por exemplo, durante um ano. Um estudo extremamente interessante e difícil – um ano quer dizer que eu sei zero de Talmude. Para eu me aproximar desse texto, foi muito interessante. Eram várias horas de aula por semana e eu, obviamente, tinha dificuldades porque não tinha uma base, na verdade a maior parte do alunado, ali, não tinha. Não havia uma base forte para se entender como é que funciona a legislação e o pensamento dentro do Talmude, que é fundamental para você acompanhar e compreender porque é que se faz assim ou porque se faz diferente.

Qual é a especificidade do estudo do Talmude?

Para você ter uma idéia da complexidade do Talmude, exclusivamente na parte que eu estudei, passamos um ano estudando somente um capítulo de um tratado. Não adianta saber o significado das palavras. Não existe uma pontuação de frase, não existe vogal, e há partes que vêm escritas em aramaico. Os professores explicavam os porquês de certas leis, como é que uma lei se juntava a outra, como se entendia uma lei através da outra, a partir de um outro capítulo. Eu montei, para mim, um caderno com a tradução do que eu estava estudando, porque tive realmente muita dificuldade, e

existia, naquela época, uma tradução chamada *Soncino* que eu podia encontrar na biblioteca; então, eu fazia três linhas: uma em hebraico (ou eventualmente em aramaico), uma em inglês, e outra em português. Como o Talmude possui um texto sucinto, não há sentido completo. O raciocínio não é fechado, e o estudante vai aprendendo como é que funciona esse raciocínio. Mesmo o texto em inglês, da edição britânica, tinha colchetes, com pedaços de frases, para poder esclarecer esse ou aquele assunto.

O seu método de estudo acabou por se configurar como um exercício de tradução...

Sim, esse meu caderno, naquela época, todo escrito à mão, era cheio de textos. Eu copiava as frases que eu estava estudando, ou o trecho, e, na linha abaixo, eu traduzia para o inglês. Depois, na linha seguinte, eu tentava pelo menos traduzir as palavras, mas isso ainda não levava a uma compreensão do texto. A tradução do Talmude requer muito esforço, porque não é só a palavra que está em questão. Isto é, a palavra está lá, mas é preciso entender porque a frase é construída daquela forma. Eu já mencionei que não há ponto, não há vírgula, não há nada, além da letra. Então, é preciso saber que a tradução do pensamento tem certo limite. Eu tinha muita vergonha de fazer esse caderno, com todas as possíveis traduções, até ver que meus colegas israelenses faziam também.

Você disse que há certo limite para a tradução. Como você encara essa questão?

As minhas anotações da época de Mestrado, eu sempre completava com traduções ao lado, porque havia muito em hebraico, mas, às vezes, há inserções em outras línguas. Além dessa questão, há uma parte da cultura judaica que é muito distante da nossa cultura. Hoje, uma tradução, por exemplo, dos contos de Bashevis Singer, se não se sabe a tradução dos nomes dos personagens, que, quase sempre, podem trazer uma informação a mais para a compreensão do texto, você perde na interpretação. Óbvio, que as coisas vão ainda mais longe. Então, há o limite da própria língua, sua capacidade de “traduzir-se” em outra, e o conhecimento da cultura que o tradutor deve ter.

Qual seria a condição básica de um tradutor da língua hebraica?

Além de conhecer profundamente a língua, conhecer muito a *Bíblia*. A cultura judaica israelense é marcada por esse texto fundador, daí que é preciso procurar ou sentir que, se uma palavra ou frase possui uma dicção bíblica, é fundamental. Conhecer a *Bíblia* não é saber a *Bíblia* de cor, porque quem estuda em uma Universidade de Israel sabe, mais ou menos, sobre a *Bíblia*, especialmente quem estuda na área de Línguas e de Letras; mas outras áreas também estudam a *Bíblia*. Esse texto ainda é, hoje, extremamente importante. Se você não conhece a *Bíblia* em hebraico, você não pode dizer que você pode traduzir qualquer texto nessa língua. Então, a gente tem que ter, no mínimo, uma sensação: “acho que isso está na *Bíblia*... como eu procuro? É assim que a gente aprende a procurar. Existe um livro de mais de cem anos chamado *Concordância bíblica*; aí, você tem aquela raiz de três letras da palavra e, depois, todas as formas, como e onde aquela palavra aparece. É um calhamaço muito maior do que lista telefônica de Nova Iorque, se ainda tivesse. Às vezes, o texto de hoje faz um jogo com um texto bíblico que, é claro, você não encontrará tal qual nessa *Concordância*. É preciso ter jogo de cintura, saber mexer: pegar uma palavra, outra, mais outra; procurar vários textos bíblicos conforme as citações. Daí, você realmente tem que conhecer a *Bíblia*, porque apenas juntando as palavras, não se percebe se há uma ironia. O texto bíblico, ao passar para um texto literário moderno, pode ter sido modificado, mas a ironia é puxada do texto bíblico para uma fala atual, que pode ter passado, nos tempos atuais, pela política, pela literatura, pelo futebol, e, então, tem-se que raciocinar naquele contexto. É fundamental ter facilidade de “sentir” que há, ali, um texto bíblico e procurar tudo o que está envolto naquele texto.

A questão cultural é uma das dificuldades de se traduzir do hebraico para o português, mas existem outras?

A especificidade cultural é obstáculo curioso, que você procura compensar de alguma outra forma. Aquela parte cultural você tem que conhecer e, eventualmente, você não consegue passar para o

português, e/ou quando você passa para o português, isso não significa que o leitor brasileiro vai entender o contexto original porque não vai ter contexto original. Então, por mais que se faça, você não consegue passar o espírito que existia no texto bíblico em relação a isso. Eu falo *Bíblia*, mas pode ser, também, outros textos, de outras épocas, mas, principalmente, partindo do bíblico, porque é alguma coisa mais fácil para se pensar. Na parte de linguagem em geral, tem coisas muito curiosas: o hebraico é muito mais sucinto que o português. Em hebraico, os verbos são conjugados no masculino e no feminino, e então, quando você chega ao português, tem-se que usar recursos para suprir essa falta ou excesso que existe. As diferenças são, muitas vezes, desta natureza: o que tem em uma língua falta na outra ou vice-versa. Existe uma série de fatores que você tem que resolver em cada uma das circunstâncias. Uma das dificuldades mais recentes que eu tive foi no livro que saiu há alguns meses...

A mulher de Jerusalém?

Sim, *A mulher de Jerusalém*. O enredo é simples: o homem é malvado, apronta um pouquinho, é um jornalista curioso que mete o nariz em tudo. Então, um outro o chama de “cobra”, no sentido dele gostar de meter o nariz em tudo, de ser malvado e venenoso. Mas há um detalhe: cobra, em português, é feminino; a palavra cobra, em hebraico, é masculina. Agora, você, tranquilamente, traduz a palavra hebraica para cobra, mas você não pode continuar usando feminino em português, porque não vai funcionar e, no caso dessa palavra específica, outro detalhe curioso eu não podia dizer “o cobra”, em português, porque “o cobra” significa outra coisa, completamente diferente. Então, eu tive que usar subterfúgios, e expliquei quando enviei o texto para o editor: disse que precisei usar “o peçonhento”, “o malvado”, quando eu não consegui me virar apenas com a palavra no feminino. Algumas vezes, tive que fazer um jogo com isso tudo. Na verdade, depois eu não tive tempo de ver se eles mexeram nisso. Nesse meio tempo, eu fui buscar a tradução em inglês, para ver o que eles tinham feito, particularmente com esse detalhe: para minha surpresa, eles colocaram o nome de um animal, cuja palavra em inglês, no momento, eu não me lembro, e que eu também não conhecia. Eu fui ao dicionário e a tradução era doninha, aquele pequeno animalzinho, mas, na cultura norte-americana, é realmente isto, um malvado, aquele que mete o nariz onde não deve, e assim por diante, é o mesmo que cobra seria no texto em hebraico. É óbvio que eu não tinha nenhuma intenção de usar a solução norte-americana para traduzir do hebraico. A decisão era minha e depois do editor, mas o editor, nos EUA, decidiu que a palavra era ideal seria doninha. Eu até comentei com várias pessoas e, muitas vezes, elas não sabiam o que era doninha. Embora exista no norte do país, doninha não é familiar para o brasileiro, principalmente com esse sentido, que é uma coisa típica dos EUA, portanto, não tinha nenhum motivo para eu usar essa solução. A gente procura ver se as soluções de uma língua são tão boas para outra, mas, às vezes, só para mostrar que não serve. Enfim, existem certos problemas que são mais fáceis ou mais difíceis de resolver.

Essas dificuldades são semelhantes quando se traduz poesia?

Em poesia, a gente se atrapalha muito! Na poesia hebraica, a questão da tradução se torna praticamente impossível: é o tamanho do verso, é todo o linguajar que vem da *Bíblia*. Você tem tantas influências da *Bíblia*, até na linguagem mais comum, que é impossível você querer que o leitor brasileiro, se você não vai colocar notas, receba aquilo que está no original.

Você quer dizer que a recepção de um poema é sempre parcial?

Sim! É quase impossível, porque eu estou criando a partir de um poema muito mais forte. Dentro do poema, no contexto israelense, é muito comum o uso de expressões da *Bíblia*; mesmo quando modificadas, fazem parte do hebraico cotidiano. A poesia hebraica, por usar esse tipo de linguagem – repito, estou falando muito da *Bíblia*, mas você pode levar em consideração muitos outros textos em que, se você não colocar uma nota, você pode se empenhar muito, mas não consegue transmitir aquilo que está no livro. Você sabe que pode fazer o que quiser, se você criar, mas, se o contexto não existe para o leitor, não adianta.

Parece mais fácil no texto narrativo?

Às vezes. Por exemplo, no livro que eu traduzi, *A caixa preta*, de Amós Oz, muita gente diz que eu tive ótimas soluções, porque eu consegui usar uma “linguagem errada”, pois o rapaz escreve errado. Então, é em tradução que a gente aprende. Sim, ele errou, escreveu errado: o sujeito e predicado, um não combinou com o outro, mas isso, em português, não faria sentido. Então, você transfere um tipo de erro para outra parte da frase. Não tem que ser igual, o erro não precisa ser no mesmo lugar, ser um erro muito parecido, e ficar assim muito cuidadoso para que você não aumente o número de erros. Não. Você conta mais ou menos quantos erros tem no original, e, quando for preciso, a gente cria dentro do mesmo esquema. Porque você não tem a intenção de mudar a pretensão do escritor, mas, nesses casos, é impossível colocar o erro no mesmo lugar, ou reproduzir o mesmo tipo de erro. Não tem que sobrecarregar e nem diminuir, não tem porque corrigir, nem aumentar, nem nada. E esta é uma técnica de tradução: obedecer.

A relação entre tradutores e editores, nessas decisões, como funciona?

No caso de *A mulher de Jerusalém*, por exemplo, a tradução do título não tem nada a ver com o título original. Isto é uma coisa curiosa: eu nem me preocupo com o título. Eu traduzo o título original. No caso desse livro, o editor e eu só estávamos falando pelo telefone ou pela Internet, então, eu não o conhecia, sei que é um tradutor, mas eu não o conheço e nem ele me conhece. Em algum momento, ele disse, já tem título? Como vai ser? É fundamental e não é. O livro escrito em hebraico, na segunda e terceira páginas internas, tem um título em inglês. Ele já tem um título que vem da editora em inglês. Eu não sei onde esse título em inglês é utilizado ou utilizável, para algum tipo de catalogação, talvez. O título, em hebraico, era *A missão do encarregado de recursos humanos*, o que, em português, poderia ser um título nada atraente, pareceria um livro de negócios. Então, eu apenas traduzo. Se existir algum problema, explico para o editor, mas não dou absolutamente uma sugestão. Quem vende o livro é ele, então, é ele que escolhe o título que ele acha que é vendável. Eu nunca interferi em nenhum, no máximo, eu traduzi. Não vale a pena discutir isso e nem me incomoda. Eu sei que é um assunto da parte comercial. Engraçado que, na mesma ocasião, quando eu estava acabando a tradução, alguém que dá aulas de hebraico me perguntou a tradução de “recursos humanos”. Eu falei e a pessoa duvidou: como? mas não é assim e assim? Eu expliquei que, hoje, existe um termo técnico mais conveniente, o termo que você vai ver no anúncio de jornal. Se a pessoa não convive com uma atualização constante da língua, ela vai achar que estou errada, que estou falando alguma coisa fora de propósito. Você precisa acompanhar a língua nos níveis de evolução do mercado e, nesse caso específico, a linguagem de trinta anos atrás não serve mais.

Qual foi o primeiro livro que você traduziu, no Brasil, para uma editora?

Quando eu voltei de Israel, em 1975, fui dar aula de Literatura Hebraica na Universidade de São Paulo. Havia, então, muito pouca coisa traduzida da literatura hebraica, principalmente em contos. Lembro que havia um livro da Editora Perspectiva, *Nova e velha pátria*. Naquela ocasião, a coordenadora do curso era Rifka Berezin. Eu tinha chegado e tinha ouvido muito falar sobre a literatura; não que eu estivesse tão atualizada, porque, naquela época, na Universidade de Jerusalém, não entrava nada de atualidades. Então, tínhamos que traduzir. Começamos a fazer a seleção, contatos com Israel, e, aí, comecei a traduzir contos. Depois, na reescrita, eu trabalhei bastante junto com a professora Rifka, mesmo em textos que outras pessoas haviam traduzido. E assim foi por um tempo.

Então você continuou a traduzir...

Traduzimos duas coletâneas de contos que saíram no final dos anos de 1970. Na ocasião, foi traduzido *Meu Michel*, também do Amós Oz. Não fiz a tradução, participei apenas da sua revisão. Depois, *O amante*, de A. B. Yehoshua, que, aí sim, participei da tradução, que foi já no começo da década de 1980. Traduzi, na década de 90, *Sr. Máni*, do A. B. Yehoshua. Era a primeira vez que eu estava traduzindo um livro inteiro. Logo depois, *Conhecer uma mulher*, do Amós Oz. Um pouquinho depois disso, houve um congresso dos professores da área de hebraico, nos EUA, e eu fui falar não da tradução, mas sobre

o livro do Yehoshua. Aconteceu que vários colegas, de outras partes do mundo, também estavam falando sobre o mesmo livro. Na tradução, vamos-nos envolvendo com o ambiente literário.

A tradução levou à literatura?

Sim, na verdade, a tradução leva à literatura e, também pode ser o caminho inverso. A literatura pode levar à tradução. Somos levados de um lugar para outro. Quando eu já estava traduzindo o *Sr. Máni*, veio o pedido para traduzir Amós Oz. Dois livros ao mesmo tempo é impossível, mas a segunda editora esperou. Depois foram surgindo outros, mas não era o tempo todo. Eu também colaborei com colegas na releitura de traduções. Nós apanhamos muito, às vezes... Vamos percebendo que podia ter mudado essa palavra aqui, outra ali... Em alguns momentos – é aí que vemos que cultura não tem fim –, você descobre que, vinte anos atrás, cometeu um erro, porque não conhecia o uso de uma palavra num determinado contexto... Um tradutor, pelo menos no caso do hebraico, tem que ter sempre a antena muito ligada. Perceber que, às vezes, a solução encontrada não é bem a correta, que o que está no dicionário nem sempre é a melhor opção. O tradutor sempre precisa ir adiante, adiante, adiante... E tem que ter muita sensibilidade também...

Você poderia dar um exemplo de uma revisão de tradução?

Quando nós traduzimos o livro *Contos de Bialik* – há quatro ou cinco anos –, foi bastante difícil. Havia os textos em inglês, mas a tradução foi feita por mim e por Eliana Langer, direto do texto em hebraico. De vez em quando, eu ia olhar alguma coisa na tradução inglesa, porque Bialik, em cada conto, tinha níveis diferentes de linguagem. E foi ali que eu descobri, por exemplo, que uma palavra que hoje, no hebraico atual, é usada para se referir a pepino, antigamente, não existia. Isso porque muitas palavras foram cunhadas no século XX. Existia uma outra palavra que se usava para pepino que, hoje, se usa para abobrinha...

Houve um erro de vegetal? (risos)

Sim! Abobrinha, na história, na cultura russa no século XIX – meu conhecimento é limitado, mas algum conhecimento nós temos –, eu nunca ouvi dizer que se comia abobrinha, até descobrir que não era abobrinha, que aquela palavra, naquela ocasião, servia para pepino. Há uns dois anos, eu revi uma tradução de uma colega, já falecida, Zípora Rubinstein, que não foi ainda publicada. Eu sabia que a tradução era perfeita, porque eu já havia revisto com ela, quando ela estava viva. Parece-me que a única palavra que tive que mudar foi que, em algum momento, ela havia escrito “eles comiam abobrinha”. Ela comeu uma abobrinha (risos). A palavra era pepino. Por mais que conheçamos uma cultura, nunca é suficiente, estamos sempre aprendendo...

A palavra tem uma história não é?

Exatamente! Ela nasce, vive e algumas morrem.

Dentro desse universo das distâncias culturais, existe algum texto que não seja traduzível?

Sim. Há uns quinze anos, houve um pedido para a revista da Biblioteca Nacional, *Poesia sempre*. Era o texto de apresentação, que era um estudo importante, e uma série de poemas, que eu distribuí entre os colegas, mas a responsabilidade da coordenação era minha. Óbvio que havia trabalhos bonitos, toda equipe trabalhou encantada. Eu me lembro que houve um envolvimento muito grande de todos para traduzir os poemas. Mas havia um poema, especificamente, que acabou ficando na minha mão, que eu traduzi completamente, mas, quando acabei, eu me senti uma idiota total, porque não fazia sentido, não era nada, estava incompreensível.

E como vocês resolveram o problema?

Eu percebi que havia problemas, porém, não conseguia sair deles. Na ocasião, estive com uma professora da Universidade de Tel Aviv e pedi que consultasse outros colegas e me dissessem o que havia no poema. Cada um foi de uma opinião diferente. Então, enviei para o editor a informação de

que o poema não seria incluído, porque a tradução seria impossível. Algum tempo depois, encontrei um artigo sobre o tal poema. Era de um poeta que foi um dos criadores de um movimento literário da poesia hebraica de poucos autores, mas que, apesar de mínimo, foi muito marcante, que foi o “canaânismo” nas letras hebraicas. É um reflexo de uma concepção em relação ao pertencimento à terra, ao país, não à cultura judaica, mas um pertencimento a culturas antigas, conforme estão mencionadas na história ou na *Bíblia*. O poeta que havia escrito esse poema, usava a palavra *baal*. Eu sei todas as traduções da palavra *baal*, ninguém que conheça o hebraico teria dificuldades. *Baal* significa marido, dono, e também é uma divindade. Então, qual desses significados eu deveria escolher na minha tradução?

Qual era o autor?

Yonatan Ratosh. Na época em que ele escreveu o poema, entre 1930 e 1940, estavam-se descobrindo escritos de antigas civilizações do Oriente Médio. Nas escavações, descobriu-se um poema de uma dessas civilizações. Então, o poema do Ratosh foi escrito a partir desse poema, e ele faz um jogo em que o *baal* é a relação homem-mulher, e a divindade é o marido e é o dono. O poema todo é construído praticamente com todos os significados possíveis dessa palavra... Ele usa todos os significados. Qualquer tradução que eu tentasse, se eu chegasse perto, seria uma só. Portanto, eu estaria omitindo, pelo menos, duas traduções ou significados. Então, existem casos em que é impossível. Esse foi um deles, porque qualquer caminho que eu escolhesse seria falso. Deixei de incluir aquele poema porque, para mim, era intraduzível.

Dentro da sua experiência, como você percebe a escolha dos editores? Como eles decidem o que traduzir, que autores, que obras?

Cada um tem um critério. Às vezes, porque o dono da editora ou o editor gosta de certo assunto e acha que tal assunto tem mercado, e quer porque quer publicar um determinado texto, que não faz exatamente nem parte da sua linha editorial; esse é um critério. O critério mais comum é o fato de se considerar o que vai bem em outros países. Mas, o que vai bem em outros países, vai bem no Brasil? Não necessariamente! Então, é bastante lenta a penetração da literatura. Hoje, você tem Amós Oz bastante famoso, mas o primeiro Amós Oz que se traduziu aqui foi no começo da década de oitenta. Demorou muito tempo até que se comesse a entrar no circuito. Esse é um critério absolutamente comercial, traduz-se o que se vende bem nas feiras de livros importantes.

Como funciona em Israel a divulgação dos livros e dos autores?

Israel trabalha bastante para vender os livros dos escritores. Há um Instituto de Tradução de Literatura Hebraica que trabalha para vender as obras dos escritores. Israel participa das Feiras na Europa, mas, aqui, temos um contato pequeno e distante com Israel. Esse instituto divulga certa quantidade, 250 ou 350 escritores, que estão filiados e são seus representados. Um escritor como o Amós Oz, por exemplo, não está representado pelo instituto. Mesmo que a gente peça para eles o contato, eles é que fazem, e ainda existem alguns escritores que têm um agente próprio. Então, é o agente na Europa que vende esses escritores. O Instituto de Tradução prepara trechos de traduções de alguns livros e manda para editoras diversas, sugerindo a tradução de certos livros, mas isso não quer dizer que essa sugestão do Instituto de Tradução funcione.

O mercado internacional pesa muito, então?

Sim... e não esqueçamos que o Brasil está muito distante, e, às vezes, pensamos que há uma grande influência norte-americana. No caso da tradução da literatura hebraica, não há essa influência norte-americana. Esse mercado tem outra lógica, e, nesse caso, abramos um parêntese, a não outorga do Prêmio Nobel para um escritor norte-americano é prova disso. Se eles estão isolados do mundo, se não sabem o que acontece no mundo, na literatura, então, não vão ganhar nunca o Prêmio Nobel. A literatura que se faz nos EUA, hoje, não é do mundo, é dos EUA. No caso da literatura hebraica, eu, em algum momento, perguntei a alguns alunos: “Vocês sabem para qual língua é mais traduzida a

literatura hebraica?" Todos responderam: "Para o inglês". Não! A literatura hebraica, hoje, eu não tenho os números absolutos, mas eu acompanho os dados, ela é muito mais traduzida para o alemão e para o italiano.

A literatura israelense tem boa aceitação atualmente fora de Israel?

Os escritores de Israel são um sucesso na Alemanha e na Itália. Os EUA vêm depois, acho que em quinto lugar... lógico que os EUA acabam sendo um mercado grande, mas o mercado principal é o europeu. A literatura hebraica é traduzida na França, no Japão, na Coreia, na China... Há muitos autores traduzidos para o sérvio, o croata, o polonês, o ucraniano. Mas você vê muito mais na Alemanha e na Itália. Então, tranquilamente, há muito tempo, David Grossman já tinha vendido mais de 100 mil livros na Itália. E isso é uma informação de sete, oito anos atrás. Pode ser que já tenha chegado a 200 mil, é bastante possível. Existem escritores que "pegam" mais na Alemanha. Há, na Alemanha, um crítico de literatura na televisão, Marcel Reich-Ranicki, um judeu alemão que é um grande crítico de literatura e um homem de sucesso. A forma de ele apresentar os livros na televisão ajudou muito. Ele deve estar, agora, com seu 90 anos e, ao que parece, não trabalha mais. Ele lançou muitos escritores de Israel na Alemanha que viraram o maior sucesso. Parece que isso pegou bem no gosto dos leitores, a escrita deles pega bem na Europa, a ponto de, aqui, na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, um dos filmes alemães, *Love life*, de Maria Schröder, é baseado no livro de uma escritora israelense, chamada Zeruya Shalev. Esse prestígio fez com que ela já passasse de um milhão de livros vendidos na Alemanha. Shalev foi lançada na Alemanha por Reich-Ranicki. Virou o maior sucesso... lembro de já ter visto entrevistas dela na televisão alemã. Eles levam o escritor para lá e divulgam em todos os programas.

O que você acha que pode estar por trás desse sucesso no mercado europeu?

Talvez as proximidades culturais ajudem mais que nos EUA... Nós, que estamos tão longe, não sabemos discernir o que é essa grande diferença cultural, porque um livro pega mais em um lugar da Europa e não nos EUA, porque pega na Coreia, Japão... Mas, pega muito na Europa. Até a produção desse filme é uma co-produção de Israel e Alemanha – não sei se entra os EUA também, mas, basicamente, é um filme feito na Alemanha, em inglês. Então, é um mercado que se abriu tremendamente. Por acaso, eu tenho o livro, descobri um dia, esse mesmo livro é traduzido para o português de Portugal. Antigamente, em Portugal, se traduzia via outra língua, a francesa ou qualquer outra. Hoje, estão traduzindo direto do hebraico. Já disseram que o que serve em Portugal não serve para o Brasil, os direitos são limitados: ou é para o Brasil ou é para Portugal. O livro foi vendido para Portugal também, eu acho que por conta desse sucesso todo na Europa, agora, aqui, ninguém ouviu falar.

No seu ponto de vista, os escritores que já foram traduzidos para o português, são representativos?

Muito representativos. Todos os que foram traduzidos são representativos. Mas há um o número de escritores representados pelo Instituto, imagino que outros que ainda não são representados também, que a gente não vai ter acesso, como outros países também não têm acesso a todos eles. O Instituto representa, por exemplo, os escritores de literatura infantil, que é um campo extremamente importante em Israel – e eu sei que, aqui no Brasil, também é, mas a distância é muito grande, e não existe quase contato.

Quanto aos leitores, há um público mais específico para essa literatura?

Não, mas, por exemplo, existe um autor de literatura infantil, Uri Orlev, ele possui mais ou menos uns quarenta livros, é uma quantidade imensa de livros... infantil, juvenil... Ele acabou chegando aqui, via uma editora espanhola, que se estabeleceu no Brasil e que já o publicava. Então, nessa editora, eu traduzi dois livros infantis, um deles, de Orlev. São livros bons, sem dúvidas. Eu que não sou nenhuma contadora de histórias infantis, experimentei, outro dia, contar um pedaço do livro, que foi escrito para crianças mais velhas, quase adolescentes, assim, de brincadeira, para um grupo de

crianças menores, e elas ficaram interessadas e curtiram a narrativa. Quer dizer, as idéias dos livros infantis são, em geral, excelentes, para todas as faixas etárias.

O próprio Amós Oz tem alguns títulos infantis...

Sim, Amós Oz, David Grossman, mas existem dezenas de outros escritores de literatura infantil. Essa literatura é um campo muito rico em hebraico. Há muitos escritores israelenses que têm coisas maravilhosas em literatura infantil, sobre todos os aspectos: muito criativos, muito interessantes, em geral, muito bem feitos. Mas, houve, aqui, a tradução de um dos mais famosos, não pegou. Uma ex-aluna minha Rosely Mandelman que traduziu, e chegou a criar uma editora para isso, junto com um sócio, mas eles não conseguiram fazer isso ir adiante. O livro se chama *Pássaro da alma*. É um livro que, em Israel, deve ter vendido uns 500, 700 mil exemplares, porque já tem, digamos, 25 ou 30 anos... E toda criança, em algum momento, vai ler aquele livro, porque faz parte da formação das crianças lá, de encontrar o que existe na alma de cada um. Então, o *Pássaro da alma* foi traduzido aqui, mas os editores não conseguiram o fôlego e o dinheiro para levar adiante, com uma boa distribuição, e, pelo que sei, eles tinham mais um ou dois traduzidos para o público infantil: trabalho muito bem feito, muito bem ilustrado, lindo. Só que precisa um esforço muito grande em termos de divulgação; pelo jeito, no mercado, hoje, não se sai com dois ou três livros infantis. Ou você sai lançando trinta, e vai lançando trinta por ano, ou isso não funciona. Então, são dificuldades muito grandes. Foi feita uma edição bonita, foi feita uma tradução bonita, mas isso não é suficiente para o livro sair por aí. Não que precise sair uma tradução por dia, mas o trabalho que existe por trás para pôr o livro no mercado é muito custoso. Então, se a estrutura não é suficiente, como foi o caso dessa moça, que tinha um belo trabalho... se não tem estrutura, não vai ter divulgação. E daí morre. Um livro que pode vender 700 mil em Israel – eu estou fazendo uma estimativa, mas são realmente números imensos –, se você considerar a população do país, 10 % já leram esse livro, em algum momento. Se você não trabalhar direito, se não tiver essa estrutura, você não consegue fazer isso aqui. Soube recentemente que outra editora relançou o livro.

O carro-chefe dessas traduções do hebraico são os escritores. E as escritoras?

Não tem o problema de ser o escritor ou a escritora. Tem autoras, autores, que eu pessoalmente gostaria que fossem traduzidos e que não vieram ainda. Tem a Gabriela Avigur-Rotem, que eu traduzi aqui, mas também não foi um sucesso. O livro dela, *Mozart não era judeu*, é um livro muito simpático, trata de América Latina, da imigração judaica. A editora não trabalhou muito em cima disso, então, o livro praticamente morreu. Em Israel, ele acabou de ser lançado com uma nova edição; não é reedição, é uma edição. Com certeza, há uma escritora que eu traduzi alguns contos dela, que demoraram muito para sair, Yehudit Hendel. Uma senhora, que deve estar com 80, 81 anos, e ela escreve há sessenta anos. No começo, eu trabalhei parte do feminismo, a abertura do espaço para ela escrever para a literatura hebraica, foi muito difícil, no final da década de quarenta. Então, durante muito tempo, os livros dela, segundo ela própria, foram boicotados. Depois que ficou viúva, ela voltou a escrever. Alguns contos eu traduzi. Só há pouquíssimos anos é que começou a sair traduções de contos dela em inglês. Há, também, Amália Cahana Carmon, que é uma escritora difícil, que fez trabalhos muito interessantes, mas, digamos que ela não é uma escritora traduzível, porque sua escrita é, também, difícil... Nos primórdios da literatura hebraica, na década de 20, por exemplo, várias mulheres que participaram do movimento sionista escreveram, mas seus escritos foram colocados dentro de arquivos e essa escrita desapareceu. Nos últimos anos, voltaram a ter importância... Tem-se retomado essa escrita e tem-se republicado os trabalhos de mulheres do início do século XX. Hoje, temos notícia de uma lista de dez ou quinze escritoras que, em uma época em que o país era pequeno, faz com que pensemos que as escritoras não eram poucas. São várias as mulheres que escreveram e que foram simplesmente deletadas, durante algumas décadas, e agora, muitas delas, o texto de muitas delas voltou. Elas estão mortas, mas as pessoas que se interessam por literatura, trouxeram esse material de volta e essas autoras estão sendo reeditadas, com edições críticas importantes.

Outros autores a destacar?

Usei, recentemente, para um artigo, traduzindo um texto com o qual eu estava lidando, de trechos da obra de um escritor chamado S. Yz'har. Ele faleceu há dois anos, já bem idoso. Ele surgiu muito jovem, em 1938, de uma família de escritores, com o "conto longo", que é fundamental. É um conto excelente, seu nome é "Efraim volta para a alfafa". Eu trabalhei com ele em hebraico. É um conto importantíssimo. Não fui eu que traduzi, foi Zipora que traduziu. Ela era uma excelente tradutora e ele é um escritor cuja linguagem merece um tratamento especial, porque é uma linguagem clássica do hebraico contemporâneo, bonita, sem concessões, é uma linguagem mais profunda. Ele escreveu depois alguns livros relacionados à guerra de 1948, que tiveram muito sucesso. E depois disso, ele foi deputado, teve outras atividades, era professor também, mas durante muito tempo, durante várias décadas, parou de escrever. E voltou a escrever mais para o fim da vida, mais uns quatro ou cinco livros, e são todos importantes, em vários sentidos. Eu precisei trabalhar recentemente, em uma outra linha, sobre os livros dele.

E os poetas?

Ah... os poetas... eu tenho vontade de chorar quando eu sei que há tantas coisas lindas em hebraico, mas que são difíceis de se publicar, traduzir. Sempre tem Yehuda Amichai, que é muitas vezes mencionado. Ele possui algumas traduções, inclusive a partir de outras línguas. Eu gosto muito de Natan Alterman que foi um poeta, da década de 1940 e 1950, que influenciou, mesmo depois da morte dele, a poesia hebraica, por trinta, quarenta anos... Existem obras com imagens poéticas maravilhosas, com mulheres maravilhosas, como Yona Wollach que é objeto de pesquisa do professor Moacir Amâncio. Ela é uma poeta da década de 1960 e 1970, que morreu ainda jovem, mas que abre todo um universo de erotismo, de quase pornografia, com uma linguagem extremamente bonita, na literatura israelense. Ela mexeu com a poesia hebraica e representa um grupo, não é única nesse grupo, mas, pela situação escabrosa que ela trouxe para dentro de alguns dos poemas, ela ficou muito famosa e faz parte de uma geração chamada *Os poetas de Tel Aviv*, um ou outro poema está traduzido. Moacir reelabora, reescreve isso magnificamente, porque ele é poeta. Mas são poetas de acesso difícil aqui.

E o caminho inverso: do português para o hebraico...

Existe, nos últimos anos, uma procura do português de Portugal, não do Brasil. Muito pouco do Brasil, proporcionalmente. O que se traduz é o que circula pela Europa, é um caminho... são vieses europeus. Os portugueses, por exemplo, Saramago é grande sucesso em Israel. Algumas escritoras portuguesas também são traduzidas para o hebraico. Do Brasil, eu diria que o grande sucesso é Paulo Coelho, que vendeu quantidades imensas de livros em Israel. De resto, há muito pouco. Em algum momento, Machado de Assis foi algum sucesso, mas um livro apenas. Clarice Lispector, que é comentada. Eu não sei quantos, pode ser que haja mais de um livro traduzido. Ela foi bastante comentada, mas isso não a tornou tão popular. Em algum momento, se traduziu Darcy Ribeiro, já há muito tempo. E o que fez certo sucesso, pelo inusitado, foi Jorge Amado, que teve algumas coisas traduzidas e é um pouco mais conhecido. Mas, não vai muito além disso. Pode ter aqui ou ali, um ou outro escritor traduzido. Mas não é uma marca relevante. Não existe, ainda, um trabalho suficiente em torno disso. E relação ao que se traz para cá, tem que ter um trabalho... ou uma etiqueta: "tem vendido... é um *best-seller*?", como no caso do Paulo Coelho ou, no caso de Portugal, Saramago. Então, a essas alturas, as traduções portuguesas de Portugal estão na frente.

Obrigada, Nancy. Você nos deu um testemunho precioso sobre a tarefa do tradutor.

Belo Horizonte, 23 de outubro de 2008.

***Nancy Rozenchan é Professora Livre Docente da USP, ensaísta e tradutora.

**** Lyslei Nascimento** é Professora da UFMG, coordenadora do Núcleo de Estudos Judaicos da UFMG.

*** Vivien Gonzaga e Silva** é Doutoranda em Letras na UFMG.

*** Transcrição:** Késia Rodrigues de Oliveira, Graduanda em Letras da Faculdade de Letras da UFMG.